

A CONTRIBUIÇÃO DO JORNAL GAZETA DE SERGIPE PARA A DISCUSSÃO DA PROBLEMÁTICA AMBIENTAL ENTRE OS ANOS DE 1972 E 1992: O PAPEL DA IMPRENSA ESCRITA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL.

Lorena de Oliveira Souza Campelloⁱ

Resumo

Em maior ou menor intensidade, a depender da nação e do período histórico, os meios de comunicação exerceram um importante papel de interferir e reorientar as relações humanas. O artigo apresentado tem como objetivo discutir o papel da imprensa escrita, a partir da veiculação de matérias e a discussão sobre a questão ambiental emergente, e com isso sua importância e contribuição para o desenvolvimento social. Analisaremos o conteúdo de um jornal sergipano – a Gazeta de Sergipe – acerca da problemática ambiental enfrentada entre os anos de 1972 e 1992, em Sergipe. Buscaremos no decorrer do texto apresentar o contexto jornalístico imbricado ao contexto histórico brasileiro e sergipano; as conclusões tomadas a partir do estudo; e algumas sugestões para uma maior contribuição da mídia impressa no tocante ao desenvolvimento humano e da sociedade.

Palavras-chave

Comunicação, imprensa escrita, meio ambiente, desenvolvimento social.

Abstract

To a greater or lesser degree, depending on the nation and the historical period, the media exerted an important role to interfere and redirect human relations. The paper presented has the goal to discuss the role of the press, from the placement of news and discussion on the question emerging environmental issues, and therefore your importance and contribution to social development. We will analyze the content of Sergipe newspaper – the Gazeta de Sergipe - about the environmental problems faced in the years 1972 and 1992, in Sergipe. We will seek in the course the text present the journalistic context interwoven Brazilian and Sergipe historical context, the conclusions taken from the study, and some suggestions for a greater contribution from the print media in terms to human development and the society.

Keywords

Communication, print media, environment, social development.

APRESENTAÇÃO

O artigo em questão¹ tem como objetivo discutir o papel da imprensa escrita, a partir da veiculação de matérias e debate sobre a questão ambiental emergente, e com isso sua importância e contribuição para o desenvolvimento social. Para tanto, partimos da análise de conteúdo de um jornal sergipano – a Gazeta de Sergipe – acerca da problemática ambiental enfrentada entre os anos de 1972 e 1992, em Sergipe. Não apresentaremos aqui os pormenores da pesquisa pela necessidade de objetividade na discussão. No entanto, buscaremos apresentar o contexto jornalístico imbricado ao contexto histórico brasileiro e sergipano; as conclusões tomadas a partir do estudo; e algumas sugestões para uma maior contribuição da mídia impressa no tocante ao desenvolvimento humano e da sociedade.

1- COMUNICAÇÃO, JORNALISMO IMPRESSO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Em maior ou menor intensidade, a depender da nação e do período histórico, os meios de comunicação exerceram um importante papel de interferir e reorientar as relações humanas, formando com isso opiniões e fazendo-se, muitas vezes, um elemento de controle social, político, ideológico e cultural.

Não foram poucos os momentos da história em que a imprensa esteve vinculada a partidos políticos ou grupos de pressão variados. No que se refere ao jornalismo brasileiro, este permaneceu atrelado ao jornalismo de opinião até meados de 1950. A história da imprensa em Sergipe² foi também um reflexo do que ocorria na imprensa brasileira, ou seja, um jornalismo que transmitia a história política dos jornais e seus proprietários, ou de grupos que se aglutinavam em torno dos órgãos jornalísticos, defendendo interesses político-partidários ou econômico-sociais deles próprios.

Foi na década de 1950, que a comunicação começou a estruturar-se como comércio e com isso, a mídia passou a ter como importante fator de venda e credibilidade, fazendo com que a empresa buscasse sua independência editorial. Mas em regiões com menor densidade econômica e com a centralização do poder político nas mãos de poucos, ocorreu e ainda ocorre a troca de interesses entre os poderes econômico e político e os meios de comunicação³ (Melo, 1994, pp. 21-22). Não obstante, Sergipe, em meio ao contexto abordado, insere-se nesse perfil.

Apesar do esforço dos meios de comunicação na 'tão proclamada' busca pela objetividade e pela verdade do fato, nós historiadores, devido à própria tradição historiográfica e ao método de pesquisa

histórica, não podemos encará-los como imparciais e objetivos, pois o discurso jornalístico é uma espécie de “fator ordenador da realidade” (Gomes, 2003). Portanto, a notícia jornalística neste estudo foi vislumbrada como um documento intencional, parcial e subjetivo; que deve ser correlacionada e analisada juntamente com o contexto histórico do período estudado, os jogos de poder do período, as relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros, dentre outros.

A função de ordenar e hierarquizar conceitos e valores tem sido tomada e exercida pela mídia e em particular pelo discurso jornalístico. Além do que as empresas jornalísticas são possuidoras de conveniências e interesses que vêm a interferir no conteúdo editorial.

Esse quadro nos remete à importância do jornalismo, e dentre ele o impresso, na modelização social.⁴ O jornal impresso é, portanto, um dos espaços onde os discursos têm seu ponto auge da difusão.

Deste modo, ao deter grande poder de intervir nas relações humanas, os meios de comunicação também o exerce na reorientação das relações da sociedade com a natureza, podendo contribuir para um maior desenvolvimento social. Sendo assim, o papel da mídia no processo de formação de opinião sobre a problemática ambiental foi e é significativo.

Se compreendermos a vida em sociedade em termos de redes vivas de comunicações, poderemos perceber que a criação de pensamentos e significados darão origem a novas comunicações. Assim, as comunicações em uma rede social produzem um sistema compartilhado de crenças, explicações e valores (Capra, 2003, p. 23).

Como visto, a comunicação, somada a outros fatores, foi responsável pelo adição de um forte componente social no processo de percepção ambiental. De fato, sem a cobertura dos meios de comunicação é pouco provável que problemas antigos tivessem entrado na área do discurso público e fizessem parte do processo político. Assim sendo, torna-se fundamental enfatizar que a visibilidade midiática foi importante no processo de transformação dos problemas ambientais em assuntos discutidos, e depois como impulsionadora para a elaboração de políticas públicas.

Os meios de comunicação de massa são elementos informativos e formativos, sendo com isso de suma importância na construção de uma percepção ambiental complexa; na promoção de mudança de hábitos e valores; na mobilização da ação pública em torno da criação de políticas públicas

socioambientais efetivas, da luta contra atitudes errôneas de indústrias, do poder público; etc.

Ato fundamental de toda transformação social, a comunicação apresenta-se então como um importante viés no enfrentamento da crise ambiental, pois transforma-se numa arma que ao ser engatilhada mobiliza a ação pública em prol de inúmeras causas, inclusive socioambiental.

A colocação de determinado assunto na pauta das discussões, torna-o objeto a ser esclarecido e objeto presente na nossa realidade. Trata-se de uma educação sistematizada por parte da mídia para aceitarmos a crise ambiental como “situação de fato”, independentemente dos inúmeros pontos de vistas existentes sobre o assunto (Gomes, 2003).

Com o disposto, acreditamos que o modo como notícias com temáticas ambientais são veiculadas, e a maneira como a mensagem ambiental é concebida por determinado meio de comunicação fornecerá sua contribuição para a profundidade do entendimento e envolvimento da sociedade com a questão ambiental, contribuindo assim para o desenvolvimento social.

Dessa forma, sentimos a necessidade de questionar historicamente, como teria sido a cobertura do jornalismo impresso sergipano no tocante às questões ambientais? E indo além, como o meio ambiente teria sido apresentado à parcela da sociedade? Como o assunto foi abordado, divulgado e debatido pela mídia impressa pesquisada? Quais os principais atributos e funções apontadas pelo jornal ao meio ambiente? Os assuntos ligados ao meio ambiente receberam cobertura fragmentada ou sistêmica? Enfim, de que forma a problemática ambiental foi introduzida à população pela mídia impressa analisada?

O conhecimento de como o jornalismo impresso sergipano teria transmitido esses fragmentos para a sociedade sergipana é imprescindível, pois a interpretação que temos hoje do meio ambiente e da questão ambiental depende, em grande parte, dos meios de comunicação de massa.

Pesquisar a cobertura da imprensa sobre determinado assunto permite entender como tal assunto refletirá na realidade cotidiana, e mais ainda, a partir das lacunas dessa cobertura permite entender como ele não se refletirá.

Com o estudo pudemos fornecer subsídios para a construção de uma nova postura do jornalismo impresso acerca de temáticas ambientais, possibilitando uma nova forma de entender a questão ambiental e a proposta de desenvolvimento sustentável e social. Além de propor uma metodologia para o uso de fontes impressas na pesquisa em História Ambiental.

2- LIAMES E TRAMAS DA PESQUISA

A seleção do jornal *Gazeta de Sergipe* como objeto primordial da investigação obedeceu dois critérios básicos: a representatividade quantitativa de suas tiragens no período e o peso simbólico qualitativo, em termos de prestígio, que os jornais possuíam no imaginário popular. Estes critérios foram contemplados pelo periódico, pois tratava-se de um jornal tradicional, por ter tido uma grande veiculação no Estado no período abordado pela pesquisa (1972-1992), e por sua periodicidade. Tratava-se de um jornal diário.

Jornal tradicional do Estado (1948-2003) a *Gazeta de Sergipe* se sustentou dentro de uma das mais turbulentas páginas da história do Brasil (a ditadura militar). Ao tomar como ponto de análise esse obscuro período e constatando que o jornal manteve-se em circulação nessa fase, nossa tendência é considerá-lo como um sobrevivente da ditadura. Que para tanto, foi necessário manter uma postura mais tradicionalista e conservadora. A sobrevivência da *Gazeta de Sergipe* deveu-se também à grande diplomacia do seu fundador e diretor, Orlando Dantas; personalidade bastante influente e atuante nas esferas política, econômica e social de Sergipe.

A delimitação temporal do trabalho faz-se necessária. O período de tempo a ser trabalhado - 1972 a 1992 - foi definido por ter nos seus extremos, anos em que ocorreram respectivamente duas importantes conferências mundiais: a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (CNUMAH), ocorrida em Estocolmo (Suécia), e a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada no Rio de Janeiro. A delimitação justifica-se pelo fato de que as duas conferências em questão foram dois importantes marcos na discussão sobre ecologia e meio ambiente, tanto em termos mundiais, como no que se refere à participação do Brasil no debate ambiental.⁵

Sendo o objeto do estudo o jornal *Gazeta de Sergipe*, as principais fontes utilizadas para a efetivação da pesquisa⁶ foram matérias jornalísticas extraídas de edições do período de 1972 a 1992.

Coletou-se uma amostra de fontes, abarcando peças jornalísticas de todo o tipo. A amostra foi do tipo não probabilística intencional (Berquó, 1981), tendo em vista sua melhor adequação ao tipo de pesquisa proposta. Trata-se de um tipo de amostra que pode ser retirada de determinado universo mediante processo seletivo deliberado, ou seja, as unidades que irão compor o corpo amostral são

escolhidas intencionalmente pelo pesquisador, de forma a atender seus objetivos e metas de trabalho (Barros, 2001, p. 2).

Os dados obtidos para a realização desta pesquisa tomou como unidade básica de análise o que se chama de notícia, ou seja, a descrição de um fato que ocupa um lugar delimitado na página de um jornal. A notícia deve ter começo, meio e fim, mesmo que se trate apenas de uma manchete, que atraia a atenção do leitor para uma matéria desenvolvida em outra página do impresso.

Foram selecionadas matérias que apresentassem conteúdos noticiosos sobre questões ambientais referentes a Sergipe e a nível nacional e internacional, que de alguma forma tenham afetado e/ou influenciado o Estado, sendo que estas apresentassem preocupações ambientais e não somente econômicas.

Das inúmeras edições do jornal *Gazeta de Sergipe* foram pesquisados aproximadamente 6.290 números, dos quais selecionamos 608 notícias com a temática em foco.⁷ Como visto, houve uma sequência documental que permitiu o acompanhamento e evolução do jornal acerca da temática abordada.

Dentre as inserções jornalísticas selecionamos notas (dispostas em colunas), matérias de capa (onde não constava uma complementação com matéria interna), artigos, editoriais e matérias internas (entrevistas, notícias e reportagens) (Melo, 1994; Erbolato, 2004; Amaral, 1969). Todas as inserções foram levadas em consideração no momento da tabulação dos dados e análise quantitativa e qualitativa dos resultados.

A análise da mensagem ambiental teve como objetivo extrair aspectos significativos acerca de ideias, valores, conceitos e preconceitos sobre o meio ambiente e a questão ambiental, manifestados por representantes dos segmentos da sociedade que atuaram no periódico pesquisado. Essa análise foi gerada através da estruturação de categorias temáticas para as matérias selecionadas e a análise individual de cada categoria, o que nos permitiu também conhecer a evolução da questão ambiental em Sergipe.

Com o intuito de conhecer a mensagem do jornal sobre o meio ambiente partimos então para a elaboração de categorias temáticas das notícias, no qual foram levadas em consideração as regras de importância, homogeneidade e pertinência, propostas pela análise de conteúdo.

De acordo com Maria C. de Souza Minayo (1994), categoria se refere a um “conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si”. As categorias são aplicadas para estabelecer classificações dos dados encontrados no trabalho de campo.

Categorização é definida como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos” (Franco, 2003, p. 51).

Franco (2003, p. 52) ressalta que o processo de definição de categorias implica constantes idas e vindas da teoria ao material de análise, e vice-versa, pressupondo também a elaboração de várias versões do sistema categórico. Essa observação foi constatada durante a pesquisa, na qual revisitamos as matérias e suas categorias por três vezes.

A análise das matérias baseou-se no método de análise do conteúdo, o qual Laurence Bardin (1979) traduziu como: “um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam uma inferência de procedimentos relativos às condições de produção e/ou recepção dessas mensagens”.

Os conjuntos de dados quantitativos e qualitativos não entraram em conflito na pesquisa proposta. Pelo contrário, complementaram-se. Segundo Serapioni (2000, pp. 188-189), ambas estão relacionadas às mesmas questões: quais as condições que permitem ao pesquisador ter acesso à realidade social? Quais critérios possibilitam estabelecer se os procedimentos e as regras interpretativas são adequados para representar os processos de construção do sentido dos atores?

3- A CONTRIBUIÇÃO DO JORNAL GAZETA DE SERGIPE PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL, A PARTIR DA DISCUSSÃO SOBRE A QUESTÃO AMBIENTAL.

3.1- Espaço cedido

Podemos afirmar, através da análise quantitativa e qualitativa, que o jornal *Gazeta de Sergipe* percebeu a existência de uma demanda gradativa por temáticas ambientais e discussões acerca do meio ambiente. No entanto, a cobertura jornalística ao tema não foi totalmente efetiva. Referimo-nos aqui à permanente divulgação dessas temáticas, pois tiveram meses inteiros no qual o meio ambiente não foi abordado por matéria alguma⁸. Tivemos assim, um ritmo irregular da divulgação da temática ambiental.

Foi identificada, durante a leitura das matérias selecionadas, a presença de cinco tipos de peças jornalísticas, ao que chamamos de formato: matérias informativas, notas, editoriais, artigos e matérias de capa.

Mediante a análise quantitativa concluímos que houve um predomínio inicial de pequenas notas sobre o meio ambiente, e o aumento gradual da veiculação destas notícias em matérias internas, indicando uma desatenção inicial à questão ambiental emergente. Todavia, em relação a outros periódicos, a *Gazeta de Sergipe* revelou superioridade quantitativa de publicações de notícias de cunho ambiental⁹. Atentamos para o ano de 1972, quando o número de matéria interna foi superior, devido à CNUMAH, ocorrida em Estocolmo (Suécia).

A partir de 1975, observamos um processo de queda de notas e do aumento gradativo e oscilante de matérias internas e de matérias de capa dedicadas a essas questões, sendo constatada a evolução da importância cedida às notícias de cunho ambiental. A análise demonstrou um acompanhamento do jornal no que se refere à evolução da discussão ambiental no país.

A veiculação de editoriais e artigos que trataram do meio ambiente representaram juntos, uma fatia de 8,6% do total das matérias selecionadas. A impressão que fica é que, por serem espaços dedicados à valoração das notícias e exposição de pontos de vista acerca de determinado assunto, houve poucas discussões sobre o meio ambiente nestes formatos opinativos, não conquistando um maior espaço nas páginas do jornal. Mesmo sem realizar uma análise mais apurada desses formatos, percebemos que na maioria das vezes, a posição do editor e do articulista recaía para a defesa do desenvolvimentismo econômico proposto pelo regime militar.

Nos três primeiros anos enfocados pelo estudo, o número de notícias de cunho ambiental manteve-se em equilíbrio numérico, mas em queda. Essa veiculação maior nos três primeiros anos ocorreu devido à crescente emergência do debate acerca da questão ambiental desde a década de 1960, somado à pressão feita por países economicamente desenvolvidos, após 1972, a países em vias de desenvolvimento, em relação à implantação de medidas de proteção ambiental e de controle da poluição.

De 1975 a 1978 houve uma queda brusca na publicação das matérias ligadas ao meio ambiente em decorrência de uma administração, tanto nacional quanto estadual, direcionada para o atendimento de questões técnicas voltadas para o desenvolvimento do Estado. Observamos também que em

determinados meses e anos, as matérias referentes ao meio ambiente foram suprimidas por notícias sobre o cenário político municipal, estadual e nacional. Esse respaldo ocorria em anos de decisões políticas.

Houve um aumento considerável na publicação dessas notícias do ano de 1979 ao de 1984. Esse fenômeno de aumento, seguido por um equilíbrio de publicações deu-se devido ao processo de abertura política e redemocratização do país. Nesses idos foi aprovada a Lei de Anistia (1979), a qual possibilitou o retorno de exilados políticos ao Brasil, influenciados por ideais ambientalistas europeus.

Observamos um equilíbrio na divulgação de matérias de cunho ambiental de 1986 até 1990. A fase de reestruturação política, econômica e social por qual o país passou durante esses cinco anos - cumprindo com tranquilidade a transição democrática - influenciou tais números.

Concluimos com isso, que em fins da década de 80 e início de 90, o discurso ambiental já era reconhecido pela opinião pública sergipana. Consequência também de uma maior abertura dos movimentos ambientalistas para as questões sociais e o engajamento com movimentos sociais.

Com a preparação e realização da CNUMAD (Rio 92), o número de matérias sobre a questão ambiental cresceu bastante, sendo publicadas 100 matérias durante todo o ano. Configurando-se o ano em que mais se veiculou matérias sobre o meio ambiente.

Tais matérias se concentraram, praticamente, nos meses de maio e junho (meses da preparação intensiva do evento), seguido do mês de sua realização. Houve, principalmente nesses meses, uma superexposição da temática “meio ambiente”, vindo em seguida um período escasso de matérias que viessem a abordar a problemática ambiental.

Somado ao fator de imediatismo, o processo de *impeachment* movido contra o presidente Fernando Collor contribuiu para o esmorecimento da temática ambiental. Devemos ressaltar que mesmo com a queda brusca da publicação dessas matérias nos meses seguintes à conferência, o jornal *Gazeta de Sergipe* chegou a publicar até mais que outros jornais pesquisados, como por exemplo: o *Jornal da Cidade* (SE) e o jornal *Diário da Tarde*, de Ilhéus (BA)¹⁰.

Não foi somente em 1992 que o mês de junho concentrou grande parte dessas notícias. Junho foi o mês que recebeu mais divulgação sobre o meio ambiente. Se levarmos em conta o sistema de funcionamento da imprensa na nossa sociedade capitalista, que trabalha com a informação imediata,

encontraremos aí a explicação: nesse mês é comemorada a Semana do Meio Ambiente, a qual mobilizou diversas inserções de matérias. Na maioria das vezes, essas discussões foram esquecidas nos meses seguintes, voltando a ser discutidas no ano vindouro.

Isso nos remete à forma com que a imprensa vem tratando a questão ambiental: como uma moda que sempre tem seu tempo para passar. A imprensa, portanto, parece não reconhecer a discussão ambiental como resultado de um processo histórico e que deve ser tratado como tal, e com isso de forma abrangente e profunda. Esse tratamento remete à exploração comercial da temática ambiental, que desvinculada do contexto histórico é vista como de fácil assimilação pela população. A conduta do jornal *Gazeta de Sergipe* não desfavoreceu questões ambientais que fizeram parte do importante tripé sócio-econômico-ambiental que sustentou a sociedade sergipana durante os 20 anos pesquisados, contudo, forneceu uma cobertura isolada às temáticas ligadas ao meio ambiente. Essa postura da imprensa contribuiu para um entendimento fragmentado e parcial da questão ambiental por parte da sociedade. Os problemas ambientais não podem ser entendidos de forma isolada. São problemas sistêmicos, estando interligados.

3.2- Categorias temáticas

A categorização temática aplicada às matérias nos forneceu informações importantes, como a oscilação das temáticas, apontando com isso para a inexistência de uma política editorial efetiva no jornal. Determinados assuntos tiveram uma participação significativamente maior do que outros nas páginas do jornal *Gazeta de Sergipe*. Foram eles: Poluição (35,9%), Eventos (11,7%), Convênio/Projeto/Estudo (11,3%), Devastação (10,9%), Urbanização (7,4%), Rio 92 (7,4%), Fauna e Flora (5,8%), Legislação Ambiental (4,3%), Campanhas (2,3%), Unidades de Conservação (1,5%), Conferência de Estocolmo (1,0%) e Movimentos ambientalistas (0,7%).

A forte presença da temática 'poluição' demonstrou a profunda ligação entre a questão ambiental e os danos causados pelos poluentes, principalmente nos principais centros urbanos. A Conferência de Estocolmo deu sua contribuição para essa discussão, no momento em que colocou no centro dos debates, metas de controle da poluição, de proteção à natureza e de conservação de recursos naturais. Além do que, em Sergipe, crescia a produção de petróleo, a exploração de minerais e a implantação de indústrias de bens intermediários, como cimento, papel, etc.; consideradas altamente poluentes.

A privilegiada posição das categorias temáticas 'Eventos' e 'Convênio, Projeto, Estudo' demonstrou

o uso do jornal para a divulgação de acontecimentos relacionados ao meio ambiente. O uso do jornal na divulgação destes eventos para a comunidade demonstrou o reconhecimento do meio de comunicação impresso, especificamente do jornal pesquisado, como um veículo reconhecido e utilizado pela população sergipana. O objetivo dessas matérias era, portanto, informar o leitor sobre assuntos ligados ao meio ambiente, e que estariam sendo discutidos e mostrados em eventos.

A temática ‘Convênio, Projeto, Estudo’ teria recebido certo respaldo pelo jornal devido a importância de se divulgar a atuação permanente de órgãos nacionais, estaduais e municipais. Certamente era fundamental mostrá-los desempenhando muito bem seus papéis de protetores do meio ambiente. Na verdade, tratou-se de uma legitimação desses órgãos.

A quarta posição da temática ‘Devastação’ apontou para o forte entendimento do jornal de que a natureza e a questão ambiental estariam intimamente ligadas com os problemas de devastação de áreas verdes e de ecossistemas, como o de manguezais. A temática ‘Fauna e Flora’ reforça a relação entre meio ambiente e animais em extinção.

No entanto, o jornal não ignorou que problemas de saneamento básico estão ligados à questão ambiental. Vemos a temática ‘Urbanização’ fazendo frente até mesmo à temáticas como ‘Fauna e Flora’. Esse fato, não apaga a visão do jornal de que meio ambiente estaria fortemente atrelado a áreas verdes e animais. De acordo com a análise de conteúdo, observamos que a grande veiculação de matérias sobre urbanismo estaria vinculada à limitação do jornalismo brasileiro de noticiar denúncias e acompanhar casos que exploram sérios conflitos sociais.

A partir da análise de conteúdo das matérias selecionadas, detectamos algumas características importantes da cobertura feita pela *Gazeta de Sergipe* sobre o meio ambiente.

Não houve omissão e difusão indiscriminada de mensagens ambientais pelo jornal *Gazeta de Sergipe*, com exceção da temática ‘Rio 92’, que foi veiculada indiscriminadamente e de forma viciada; já que baseou-se em fontes de informação contratadas (agências de notícias).

O jornal veiculou matérias que versaram sobre problemas ambientais ocorridos em ambientes urbanos e rurais do Estado, porém, sua maior cobertura centrou-se no contexto urbano. Alguns focos de poluição ocorridos na zona rural foram noticiados pelo jornal. A devastação de áreas verdes abrangeu somente a zona rural e a discussão sobre unidades de conservação remeteu a áreas não urbanas. A predominância do contexto urbano pode ser explicada devido à localização da redação do jornal em área urbana, Aracaju, tendenciando a cobertura para essa localidade.

A maior parte das notícias concentrou-se no registro do fato em si, não havendo uma contextualização do assunto e expansão deste ao quadro nacional e até mesmo internacional. Essa característica nos remete ao empobrecimento da abordagem jornalística voltada para temáticas ambientais, denotando um conhecimento pouco profundo do objeto focado e da área temática noticiada.

Houve uma predominância de matérias informativas em detrimento de matérias opinativas, interpretativas e investigativas. Não observamos uma frequência satisfatória de conflitos de ideias nas matérias veiculadas.

As matérias não se limitaram ao denunciismo dirigido a segmentos sociais determinados, porém, temáticas como 'Poluição', 'Urbanização' e 'Devastação' foram predominantemente de caráter denunciativo e policialesco: o acompanhamento de conflitos socioambientais e processos judiciais, inclusive cobrando atitudes mais concretas de setores responsáveis pela proteção do meio ambiente natural e urbano. O tom alarmante, dramático e irônico foram observados em temáticas como 'Poluição', 'Urbanização' e em alguns casos na temática 'Devastação'. Tom, possivelmente usado, para obter o envolvimento da população com a questão e para conseguir atrair a atenção de setores sociais mais influentes.

Não notamos editoriais especificamente voltados para o meio ambiente, o que sugere a falta de consciência da importância de manter espaços mais amplos e que trabalhe de forma mais abrangente esse tipo de matéria.

O tom alarmante, dramático e irônico foram observados em temáticas como 'Poluição', 'Urbanização' e em alguns casos na temática 'Devastação'. Tom, possivelmente usado, para obter o envolvimento da população com a questão e para conseguir atrair a atenção de setores sociais mais influentes.

O otimismo é percebido em matérias voltadas para a divulgação de projetos, estudos e convênios direcionados para a área ambiental, e para a divulgação de projetos de lei acerca do meio ambiente. O otimismo também é notado quando o jornal se refere a alguma técnica a ser desenvolvida ou implantada, apostando e confiando nesta como a provedora das soluções dos problemas ambientais. Com isso, o jornal defende o investimento de curto prazo e evita uma discussão profunda sobre um modelo de desenvolvimento menos agressivo ao meio ambiente e mais voltado para a redução das

desigualdades sociais, assim como valores e estilos de vida que não interfiram na capacidade da natureza se manter viva.

O interesse econômico e o jogo em torno deste foi, de certa maneira, prioritário na mensagem ambiental veiculada pelo jornal, que muitas vezes deixou de lado o caráter ecológico do assunto. Apesar disso, o meio ambiente demonstrou ter lugar estável em determinadas temáticas, enquanto que em outras ele permaneceu obscuro e ofuscado por questões meramente econômicas e antropocêntricas.

Percebemos uma dicotomia em relação a denúncia *versus* exaltação da atividade estatal. Em alguns momentos o jornal denunciava o descaso de órgãos públicos incumbidos de proteger o meio ambiente, em outros reificava tais órgãos e suas ações.

Enfim, o jornal não se preocupou em fazer uma contextualização da notícia veiculada à vida da população, ou seja, não demonstravam à sociedade, a ligação daquela notícia com o seu dia a dia.

3.3- Fontes de informação acionadas para a construção das matérias e abrangência territorial das notícias

Algumas fontes de informação tiveram uma participação mais contundente no processo de construção da notícia de temática ambiental, refletindo deste modo a predominância de alguns setores da sociedade e a manifestação de seus interesses.

A fonte de informação que prevaleceu foi a fonte governamental (35,7%), ficando claro a falta de interesse das classes dirigentes e do próprio jornal em assumir publicamente posições mais definidas acerca da questão ambiental. A participação minoritária de outros setores da sociedade é refletida na presença limitada de assuntos de interesse para a discussão ambiental e na escassa profundidade de abordagem dos temas.

No que se refere à abrangência territorial das notícias, prevaleceu o enfoque local, com 80,6% das matérias voltadas para acontecimentos ocorridos ou voltados para a capital (Aracaju) e o estado de Sergipe no geral. Não houve com isso incomunicação.

4- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de meio ambiente transmitida pelo jornal para o leitor foi a de um meio ambiente ligado profundamente às áreas verdes e à fauna. Apesar de noticiar o meio ambiente atrelado a saneamento básico, essa ligação foi muito frágil, não transmitindo profundamente para a população que meio ambiente trata-se também do nosso meio ambiente urbano.

Medidas de proteção e de preservação, atitudes éticas e ambientalmente ‘corretas’, apontadas como solução dos problemas ambientais foram superficiais, não atingindo o cerne da problemática ambiental e não propondo maiores transformações.

Como em tantos outros jornais, o meio ambiente não foi tratado com relevância quantitativa necessária para uma discussão aprofundada e no caminho de um possível enfrentamento da problemática ambiental. Qualitativamente a abordagem do meio ambiente pelo jornal foi pouco profunda, ou seja, não procurou contextualizar historicamente o problema, não divulgando nem propondo alternativas transformadoras. Tratou-se de uma abordagem fragmentada, por não fazer a ligação entre os assuntos e problemas abordados.

Percebemos durante o desenvolvimento e com a conclusão do trabalho de pesquisa, que o caminhar da publicação de notícias com temáticas ambientais sofreu influências constantes – mas nem sempre explícitas – da situação política, econômica, social e cultural por qual passava o país e a sociedade brasileira dos anos de 1972 a 1992. Sofreu influência também de fatores exógenos, que afetaram direta e indiretamente nosso país.

O jornal *Gazeta de Sergipe*, apesar de tudo, desempenhou importante papel na divulgação da problemática ambiental para a sociedade sergipana, a partir do momento em que não renegou a existência de uma demanda por estas informações e que - apesar do ritmo irregular - veiculou uma quantidade razoável de matérias, muitas vezes superior a outros jornais locais e de outros Estados. A *Gazeta de Sergipe* contribuiu para a divulgação de problemas acerca do meio ambiente, fazendo com que a população se interessasse mais e mais pelo assunto. Contribuiu também para a resolução de conflitos socioambientais na medida em que cobriu exaustivamente alguns conflitos, apoiou posições favoráveis ao meio ambiente natural e urbano do Estado e forneceu grande abertura aos movimentos ambientalistas locais.

5- SUGESTÕES

Em uma sociedade profundamente desigual e que se caracteriza pela degradação compulsória do meio ambiente, é urgente a formação de uma identidade conceitual da questão ambiental de maneira sistêmica. Desse modo, é necessário que somado a outras entidades que representam a sociedade civil, os meios de comunicação e nesse caso o jornalismo impresso se esforcem na busca incessante do aperfeiçoamento da qualidade da mensagem ambiental, pois esta contribuirá amplamente para a consolidação de uma percepção fragmentada ou sistêmica, disciplinar ou interdisciplinar; desintegradora ou integradora da problemática ambiental.

Como visto, a formação dessa visão e postura está fortemente ligada aos meios de comunicação, ao processo de comunicação. O jornalismo impresso tem sua importância nesse desafio, pois a depender do conteúdo que veicula em matérias relativas à problemática ambiental - a sociedade interiorizará conceitos, valores e concepções fragmentadas ou interligadas, superficiais ou complexas.

Enfim, o jornalismo impresso tem grande encargo de tratar a temática ambiental com responsabilidade, ética e de forma complexa e sistêmica. Tem o encargo de buscar entender e discutir os problemas ambientais, sociais, políticos e econômicos como uma só coisa, e dentro do contexto do todo mais amplo. É a partir de determinado tratamento, que poderemos almejar e promover uma compreensão profunda e crítica da sociedade em relação ao novo modelo de desenvolvimento que se propõe: o desenvolvimento sustentável.

Numa época de revisão do processo histórico de dominação da natureza, do modelo econômico de desenvolvimento e das relações entre homem e meio ambiente, ou seja, numa época em que a questão ambiental está latente; o jornalismo impresso tem importante papel na construção de uma nova sociedade baseada no estreitamento das relações entre homem e natureza, e por que não dizer entre homem e homem.

Tudo isso demanda uma nova postura do jornalismo, melhor dizendo, demanda um jornalismo mais sistêmico e contextual, pois os temas ambientais demandam certa complexidade, interdisciplinaridade e diversidade de opiniões. Portanto, rogamos por um jornalismo que abarque mais o conflito de ideias e deixe mais de lado o registro do fato por si mesmo; que seja ágil, comprometido, profundo e responsável. Precisamos de um jornalismo que não esteja voltado para manutenção da sociedade, mas sim para a transformação desta “a partir dos conflitos que dela

decorrem” (Luft, 2005, pp. 15-16).

Necessitamos de um jornalismo que perceba a realidade de forma nova e que faça uma abordagem inteiramente nova, pois a dimensão ambiental trabalha com o caráter multidisciplinar que permeia todas as áreas do conhecimento, induzindo uma leitura da realidade onde tudo está interligado e relacionado e não de forma fragmentada, compartimentada em áreas que não se comunicam.

Baseando-nos na discrepância existente entre imprensa e meio ambiente, principalmente nos jornais populares, acreditamos que uma abordagem que mostrasse a importância da notícia, do assunto para a vida das pessoas, poderia atrair gradativamente o interesse pela temática. Falamos aqui de uma abordagem que trabalhe com a contextualização da notícia com o dia-a-dia da comunidade consumidora do seu produto.

O jornalismo precisa, urgentemente, levar em conta os processos de transformações históricas, culturais, sociais e ambientais. Precisa levar em conta a participação e emancipação humana. Precisa incluir a parcela da sociedade que mais sofre as consequências da degradação ambiental e humana.

Referências

- AMARAL, L (1969). *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasiliense.
- BARDIN, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- BARROS, A. T. (2001). Ecologia em revistas: análise de conteúdo das revistas Veja e IstoÉ nas décadas de 1970 a 1990. *Ciberlegenda*, v. 4, n. 4, 1-23.
- BERQUÓ, E. S (1981). *Bioestatística*. São Paulo, São Paulo: EPU.
- CAMPELLO, L.O.S (2005). A Rio-92 nas páginas dos jornais da Cidade e Gazeta de Sergipe. Caderno de resumos GT's, GD's, mesas, minicursos e comunicações. *Anais do XXV Encontro Nacional dos Estudantes de História*. São Cristóvão, Sergipe, p. 15.
- CAPRA, F (2003). Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21. En: Trigueiro, A. (Coord.), *Meio ambiente no século 21:21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento* (p.19-33). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Sextante.
- CAPRA, F. (1996) *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo, São Paulo: Ed. Cultrix.
- DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA* (1967). Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Globo.
- ERBOLATO, M. L. (2004) *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. São Paulo, São Paulo: Ática.
- FRANCO, M. L. P. B. (2003) *Análise do conteúdo*. Brasília, Distrito Federal: Plano Editora.
- GOMES, M. R. (2003) *Poder no jornalismo: discernir, disciplinar, controlar*. São Paulo, São Paulo: Hacker.
- LUFT, S. (2005) *Jornalismo, meio ambiente e amazônia: os desmatamentos nos jornais OLiberal do Pará e ACrítica do Amazonas*. São Paulo, São Paulo: Annablume.
- MELO, J. M. de. (1994) *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- MEMÓRIAS EMPOEIRADAS DA GAZETA DE SERGIPE*. Direção: Flávia Martins. Roteiro: Flávia

Martins. Dirección de edición: Joana Cortês. São Cristóvão: UFS, 2003. VHS, son., color.
MINAYO, M. C. de S. (Org.). (1994) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
SERAPIONE, M. (2000) Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em Saúde: algumas estratégias de integração. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 5, n. 1. 187-192.

ⁱ Lorena de Oliveira Souza Campello. Doutoranda em História Social (Universidade de São Paulo). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Rede Prodema – Universidade Federal de Sergipe). Graduada em História Licenciatura (Universidade Federal de Sergipe). São Paulo, Brasil, Maio 2012.
Correo electrónico: loracampello@yahoo.com.br , lorenacampello@usp.br.

1 O estudo em questão nasceu da linha de pesquisa História Ambiental, desenvolvida no Programa Regional de Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema-UFS). O estudo foi desenvolvido sob a perspectiva da História Ambiental, o qual foi abordado um tipo de interação intangível entre homem e natureza, um tipo de interação exclusivamente humano: a mensagem sobre o meio ambiente divulgada em um meio de comunicação impresso. Ou seja, o estudo de narrativas e discursos sobre o meio ambiente, de diferentes atores sociais ao longo da história.

2 Sergipe é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Trata-se do menor estado brasileiro, perfazendo um total de 21.910 km². Está localizado na região nordeste do país, tendo como limites o oceano Atlântico e os estados da Bahia e de Alagoas.

3 Essa afirmação não exclui a realidade das grandes empresas de comunicação.

4 Implica na aquisição de atitudes e concepções de vida. Consultar o Dicionário de Sociologia, 1967.

5 A primeira, considerada o primeiro encontro diplomático entre estados-nações de caráter global sobre a crise do meio ambiente humano, e a segunda, onde se discutiu o desenvolvimento sustentável enquanto concepção de economia política.

6 A seleção e coleta das matérias jornalísticas foram realizadas na hemeroteca da Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED) e nos acervos do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS).

7 É importante ressaltar que algumas matérias vieram acompanhadas de uma chamada de capa, portanto não foram computadas como duas notícias.

8 Em 1976, os meses de março, abril, junho, julho, setembro, novembro e dezembro não foram contemplados; em 1978, tiveram matérias com temáticas ambientais somente nos meses de fevereiro, novembro e dezembro; e assim por diante.

9 Ver resumo de comunicação apresentada no XXV Encontro Nacional dos Estudantes de História (2005), com o tema “A Rio-92 nas páginas dos jornais da Cidade e Gazeta de Sergipe”, onde realizo um resgate histórico da cobertura jornalística impressa sobre a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) nos jornais Gazeta de Sergipe e da Cidade, através de estudo comparativo.

10 Ver em Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, de 2004, o artigo “Jornalismo e meio ambiente: a cobertura das conferências de Estocolmo 72 e Rio 92 no jornal Diário da Tarde de Ilhéus, Bahia”